

REVISTA PORTUGUESA  
DE LITERATURA COMPARADA

N.º 27-28 2023-2024

Org. Odete Jubilado  
& Ana Isabel Moniz

27 D  
28 E D A L U S

AP  LC  
Associação Portuguesa de Literatura Comparada



EDIÇÕES  
COSMOS

# DEDALUS 27-28

OLHARES CRUZADOS:  
Representações das epidemias nas artes.  
Da catástrofe à resiliência.

CROSSED SIGHTS:  
Representations of epidemics in the arts.  
From catastrophe to resilience.

Org. Odete Jubilado & Ana Isabel Moniz

2023-2024

# **DEDALUS – Revista Portuguesa de Literatura Comparada**

N.º 27-28 – 2023-2024

## **Conselho Editorial – Comité de Patronage – Advisory Board**

Susan BASSNETT  
(Universidade de Warwick)

Maria Alzira SEIXO  
(Universidade de Lisboa)

Jean BESSIÈRE  
(Universidade de Paris III)

Friedrich WOLFZETTEL  
(Universidade Johann Wolfgang-Goethe)

Theo D'HAEN  
(Universidade Católica de Leuven)

Michael WOOD  
(Universidade de Princeton)

Djelal KADIR  
(Universidade do Estado da Penssylvania)

## **Comissão de Redacção – Comité de Rédaction – Editorial Board**

José Pedro Serra (director – directeur – director)  
Maria de Lourdes Cáncio Martins, Teresa Cid, João Ferreira Duarte, Rui Carlos Fonseca, Simão Valente

## **Morada – Adresse – Address**

José Pedro Serra  
FLUL – Departamento de Estudos Clássicos  
Alameda da Universidade – 1600-214 LISBOA

---

© Associação Portuguesa de Literatura  
Comparada

Todos os direitos reservados de acordo com  
a legislação em vigor

---

Capa: Henrique Cayatte

Fotocomposição: Edições Cosmos  
Impressão e acabamentos: Garrido Artes Gráficas

---

Tiragem: 300 exemplares  
Periodicidade: anual

---

ISSN 0871-9519  
Depósito legal 314632/10

---

**Preço – Prix – Price**  
(portes não incluídos / frais d'envoi non inclus / postage not included)

Portugal:

Sócios da APLC: 10€

Não-sócios: 20€

União Europeia / Union

Européenne / European Union: 25€

Outros Países / Autres Pays / Other

Countries: US\$ 30.00

EDIÇÕES COSMOS  
Rua Direita de S. Pedro, 207 – 2140-098 CHAMUSCA  
Tel.: 249 768 122  
E-mail: geral@edicoescosmos.pt  
www.edicoescosmos.pt  
Edições Cosmos® é uma marca registada da Zaina Portugal

---

De acordo com a política científica seguida pela *Dedalus*, todos os artigos que a ela forem submetidos estão sujeitos a uma dupla arbitragem científica.

---

According to the policy of *Dedalus*, all submitted articles are subject to double-blind peer review.

**27-28 – OLHARES CRUZADOS:  
REPRESENTAÇÕES DAS EPIDEMIAS NAS ARTES.  
DA CATÁSTROFE À RESILIÊNCIA.**

**CROSSED SIGHTS:  
REPRESENTATIONS OF EPIDEMICS IN THE ARTS.  
FROM CATASTROPHE TO RESILIENCE.**

OLHARES CRUZADOS  
CROSSED SIGHTS

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| 19 <b>Alberto Manguel</b>           | The Mirror of Medusa   |
| 27 <b>Helena Buescu</b>             | Catastrophe, Resilience, and the 1755 Lisbon Earthquake  |
| 41 <b>Jean Bessière</b>             | Le roman de l'épidémie : l'homme nu et la société questionnée – Defoe, Manzoni, London, Saramago       |
| 53 <b>Galin Tihanov</b>             | Of Journeys, Masks, and Wars: World Literature in Times of Crisis                                      |
| 65 <b>Ascensión Rivas Hernández</b> | Epidemia y testimonio: un país en estado de alarma   |
| 83 <b>Ana Telles</b>                | Música em tempos de pandemia: representações de crises sanitárias na tradição musical erudita europeia |

EPIDEMIA E RESILIÊNCIA  
EPIDEMIC AND RESILIENCE

- |   |  |
|---|--|
| 103 <b>Fernando Gomes</b>               | L'homme face au fléau – <i>Actualité de La Peste</i> d'Albert Camus  |
| 119 <b>Maria Sofia Pimentel Biscaya</b> | Transnational posthumanism in times of pandemic: resistance in Emily St. John Mandel's <i>Station Eleven</i> (2014) and <i>Sea of Tranquility</i> (2022) |

EPIDEMIA COMO ALEGORIA  
DA SOCIEDADE  
EPIDEMIC AS AN ALLEGORY  
OF SOCIETY

- |                                 |   |
|---------------------------------|---|
| 139 <b>Celina Martins</b>       | <i>La Peste</i> de Albert Camus e <i>Ensaio sobre a cegueira</i> de José Saramago: épidémie, allégorie et apprentissage |
| 155 <b>Clara Ávila Ornellas</b> | Espaço urbano e as necessidades de higienização social em crônicas de Lima Barreto e João Antônio                       |

EPIDEMIA E DISTOPIA  
EPIDEMIC AND DYSTOPIA

- |                                  |   |
|----------------------------------|---|
| 173 <b>Leonor Martins Coelho</b> | <i>Um mundo aflito. Memória de um tempo de ausência</i> , de Jorge Letria – Distopia, visão crítica e superação |
|----------------------------------|---|

- 187 **José Eduardo Reis** Representações utópico-literárias em defesa dos direitos dos animais
- 207 **Claudia J. Fischer** Substituir crianças. Acerca de dois dramas familiares em crise epidémica: *Der Findling* de Heinrich von Kleist e “Supertoys Last All Summer Long” de Brian Aldiss
- EPIDEMIA E DECLÍNIO  
MORAL  
EPIDEMIC AND MORAL  
DECLINE
- 221 **Tiago Clariano** Da palidez ao esplendor do vermelho das rosas: cambiantes do *Ennui* em Baudelaire
- EPIDEMIA E TESTEMUNHO  
EPIDEMIC AND TESTIMONY
- 243 **Gabriel Franklin** As coisas difíceis do mundo
- 251 **Matteo Pupillo** A criatividade como força tensora em tempos pandémicos: consonâncias e dissonâncias entre o *Diário da Peste* (Gonçalo M. Tavares) e o *Diário da Peste de Londres* (Daniel Defoe)
- EPIDEMIA E DECLÍNIO  
MORAL  
EPIDEMIC AND MORAL  
DECLINE
- 267 **António Martins Gomes** Representações da peste na literatura portuguesa otocentista
- 287 **Marília Corrêa Parecis de Oliveira** A linguagem cinematográfica e a representação da violência no romance *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós
- REPRESENTAÇÕES E  
RELEITURAS DAS DIVERSAS  
EPIDEMIAS  
REPRESENTATIONS AND  
RE-READINGS OF THE  
VARIOUS EPIDEMICS
- 309 **Lourdes Cáncio Martins** Confluência de crises no mundo ocidental contemporâneo: das sanitárias à da literatura que as lembra e diz
- 321 **Fernanda Mota Alves** Escrever a doença na cidade moderna – Heinrich Heine e o “relato da cólera”
- 331 **Luísa Afonso Soares** O Crepúsculo da Humanidade em *Nosferatu*, de F.W. Murnau e Werner Herzog
- 349 **Ana Margarida Fonseca** Representações pós-pandémicas: a construção do futuro e a salvação da memória em *O Último Gozo do Mundo* de Bernardo Carvalho
- 365 **Alexandra Cheira** Literary Representations of Epidemics: from Boccaccio’s Decameron to The *Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic*

387 <b>José Domingues de Almeida</b>	Anticiper le pire. <i>De Profundis d'Emmanuelle Pirotte : pandémie et résilience</i>
397 <b>Maria Luísa Malato</b>	<i>História Autêntica do Planeta Marte: uma leitura física, metafórica e metafísica da pandemia de 1918</i>
<b>PANDEMIA, FILOSOFIA E SOCIEDADE DE CONTROLE PANDEMIC, PHILOSOPHY AND THE SOCIETY OF CONTROL</b>	
417 <b>Luca Fazzini</b> <b>Mário César Lugarinho</b>	A “ciência” colonial no regime do biopoder: ecos nas literaturas e nas culturas em português
435 <b>Sílvio Renato Jorge</b>	Colonialismo e necropolítica: práticas do biopoder
<b>EPIDEMIA E ARTE DIGITAL EPIDEMIC AND DIGITAL ART</b>	
447 <b>Inês Guerra dos Santos</b> <b>Rosimária Sapucaia</b>	O Ensino <i>online</i> das artes performativas em Portugal: resultados parciais da investigação do Projeto CyPet
463 <b>Pedro Alves da Veiga</b>	Ciberperformance: da transposição à inovação
483 <b>Ana Carvalho</b> <b>Juliana Wexel</b>	Ciberperformance: análise de criações performativas <i>online</i> pré e pós-pandemia
497 <b>Ana Clara Santos</b> <b>Célia Vieira</b>	Processos e práticas no palco digital
<b>ESTUDOS GENERAL STUDIES</b>	
517 <b>G.A. Powell</b>	A Rhetoric of Mythology: A Barthesian Analysis of Marx's Revolutionary Prophecy
541 <b>Patricia Couto</b>	O silêncio da memória na obra de Ricardo Ben-Oliel
559 <b>Armando Maggi</b>	Nostalgia for <i>The Courtier</i> ? Francisco Rodrigues Lobo's <i>Corte na aldeia e noites de inverno</i> (1619) and the Crisis of the Early-modern Portuguese Court
585 <b>Paul Mirabile</b>	The Quest of Two Heroes in James Joyce's <i>Araby</i> and in the <i>Holy Grail</i>
595 <b>João Almeida Flor</b>	Incidências Cristãs num Naufrágio da Carreira da Índia (1552)
619 <b>José Pedro Serra</b>	The stoic logos between the tragic logos and the Christian logos
<b>RECENSÕES BOOK REVIEWS</b>	
635 <b>Ana Isabel Rodrigues</b>	Martins, Guilherme d'Oliveira. <i>Património Cultural: Realidade Viva</i> . Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. 124 pp. ISBN 978-989-9004-19-1

- 639 Liliana Pestana** Chaves, Duarte Nuno (coord.). *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*. Ponta Delgada: CHAM – Centro de Humanidades; Velas: Santa Casa da Misericórdia, 2020. 322 pp. ISBN 978-989-54856-0-4
- 645 Lara Câmara** Castro, Rodrigo de. *A Peste de Hamburgo: Tratado Breve da sua Natureza e Causas*. Introdução, edição, tradução e notas de Bernardo Mota, Cristina Santos Pinheiro, Gabriel A. F. Silva; Prólogo de Jon Arrizabalaga. Porto: Edições Afrontamento, 2021. 155 pp. ISBN: 978-972-36-1860-0
- 649 Telma Carvalho** Li, Hua. *Chinese Science Fiction during the Post-Mao Cultural Thaw*. Toronto: University of Toronto Press, 2021. 234 pp. ISBN: 978-1-4875-3781-4
- 653 Gustavo Barros** Séneca. *Tragédias. Volume 1: Tiestes, Troianas, Agamémnon, Édipo, Fenícias*. Tradução, introdução e notas de Ricardo Duarte. Lisboa: Edições 70, 2021. 319 pp. ISBN 978-972-44-2503-0
- 657 Maria Luísa Malato** Brilhante, João, e Ana Isabel Vasconcelos (coord.). *Biografias do Teatro Português*, 11 vols. Lisboa / Porto: CET; IN-CM; TNDM II, TNSJ, 2016-2022.
- 669 Leonor Pereira** Pinheiro, Joaquim, Samuel Mateus, Mario Franco (coord.). *Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades*. V.N. Famalicão: Húmus, 2022. 249 pp. ISBN 978-989-755-754-5
- 675 Martina Altalef** Kilomba, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de racismo quotidiano*. Tradução de Nuno Quintas, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2022. 272 pp. ISBN 978-989-9071-23-0
- 681 Matthew M. Gorey** Martínez-Osorio, Emiro, and Mercedes Blanco (eds.). *The War Trumpet: Iberian Epic Poetry, 1543–1639*. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 2023. 400 pp. ISBN 978-1-4875-4632-8
- 687 Beatriz Oliveira** Marco Aurélio. *Meditações*. Tradução de Rui Carlos Fonseca. Introdução de José Pedro Serra. Lisboa: Penguin Clássicos, 2023. 183 pp. ISBN: 978-989-784-800-1

**Ana Telles**

Universidade de Évora, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical  
(CESEM\_Polo UÉ) | Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em  
Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAST)  
Departamento de Música, Escola de Artes  
[atelles@uevora.pt](mailto:atelles@uevora.pt)

## **Música em tempos de pandemia. Representações de crises sanitárias na tradição musical erudita europeia<sup>1</sup>**

From the Middle Ages to the present day, epidemics and other infectious diseases of high prevalence in the population have had an undeniable and very strong impact on society. The occurrence and development of diseases such as the black plague, malaria, influenza, smallpox, syphilis, typhus, cholera, AIDS, and covid19 have determined, over time, some of the major social and cultural transformations in history.

In this paper, through the prism of Western classical music, I will try to highlight some of these transformations. I will focus on the musical representation of these times of health crisis, including records of problems and symptoms related to various diseases in specific musical works, to which I will allude. I will also refer to the impact that epidemics and other infectious-contagious diseases had on institutions and diverse cultural dynamics, as well as to the marks they left on the life and work of composers of different genres, geographies, and historical periods.

**Keywords:** Music, Music history, Epidemics, Infectious diseases

Desde a Idade Média até aos dias de hoje, epidemias e outras doenças infecto-contagiosas de alta prevalência na população tiveram um inegável e fortíssimo impacto na sociedade. A ocorrência e o

---

<sup>1</sup> A autora agradece a profícua colaboração da Dra. Helena Telles Antunes, concretizada em numerosas conversas e releituras ao longo do processo de investigação que conduziu à elaboração deste texto.

desenvolvimento de doenças como a peste negra, a malária, a gripe, a varíola, a sífilis, o tifo, a cólera, a sida e a covid19 determinaram, ao longo dos tempos, algumas das principais transformações sociais e culturais da História.

Neste ensaio, através do prisma da Música erudita ocidental, procurarei evidenciar algumas dessas transformações. Darei enfoque à representação musical desses tempos de crise sanitária, incluindo registos de problemáticas e sintomas relacionados com doenças diversas em obras musicais específicas. Aludirei ainda ao impacto que epidemias e outras doenças infecto-contagiosas tiveram sobre instituições e dinâmicas culturais diversas, bem como às marcas que imprimiram na vida e obra de compositores de géneros, geografias e períodos históricos distintos.

Recuemos, por um instante, ao séc. XIII. Afonso X, o Sábio, Rei de Castela, nas suas célebres *Cantigas de Santa Maria*, refere-se a doenças infecto-contagiosas altamente prevalentes na Idade Média. Reparemos no título de uma dessas cantigas: a nº 93, *Como Santa Maria guareceu un fillo dun burges que era gafo*, aludindo à lepra (Costa e Dantas 2015). É sabido que, desde tempos bíblicos, a lepra era temida e altamente estigmatizante; causada por uma bactéria (*Mycobacterium leprae*) e também conhecida como Doença de Hansen, a lepra afecta principalmente o sistema nervoso, a pele, os olhos e a mucosa do nariz; ainda hoje existe, mas espalha-se lentamente e é tratável (Centers for Disease Control and Prevention 2022). Na representação em questão, a doença e a respectiva cura, milagrosa, estão patentes sobretudo no texto, e traduzem a religiosidade cristã própria do enquadramento espaço-temporal do autor. Por seu turno, a cantiga nº 393, *Apesar de que la rabia es um dolor extremado y fuerte*, evoca a raiva (Gomis e Sanchez 2020), doença viral transmitida por animais infectados (nomeadamente cães), que foi em tempos altamente prevalente; embora hoje em dia esteja bastante mais controlada, graças aos programas de vacinação canina e à eliminação de cães vadios em cidades, ainda provoca 59 000 mortes por ano em todo o mundo (Rabies 2020).

No contexto das pandemias que assolararam a Europa desde a Idade Média, assume especial preponderância a tragicamente célebre peste negra, uma das mais antigas doenças identificadas, endémica ainda

nos dias de hoje em várias partes do Mundo. Causada pela bactéria *Yersinia pestis*, a peste é uma doença que afecta sobretudo roedores selvagens, sendo transmitida entre eles, por um lado, e entre roedores e humanos, maioritariamente por insectos. A primeira epidemia de peste em humanos registou-se entre os Filistinos, em 1320 a.C. e é descrita na Bíblia, concretamente no I Livro de Samuel, Capítulos V e VI (1º Samuel 1982). Mais tarde, entre 542 e 546 da nossa era, sob a designação de Peste (ou Praga) de Justiniano, ceifou milhões de vidas na Ásia, na África e na Europa. Nova pandemia ocorreu na Idade Média, sob a designação de “Peste negra”, entre 1347 e 1350; 50 milhões de vítimas, partilhadas de modo mais ou menos idêntico entre a Ásia e a África, por um lado, e a Europa, por outro, sucumbiram nesses anos; o continente europeu perdeu então mais de um terço da sua população, cerca de 25 milhões de pessoas (Glatter e Finkelman 2020). Essa pandemia iniciou um conjunto de surtos que assolaram tanto a Europa como a África nos séculos subsequentes (Gratz, et al. s.d.).

Cross (2020) nota como o fim do surto de peste negra que assolou a cidade de Florença em 1348 contribuiu para o florescimento de uma nova ordem intelectual e cultural, a que chamamos Renascimento, precisamente a partir dessa cidade, na década de 1350. Em França, compositores como Guillaume de Machaut começaram a explorar formas musicais seculares complexas, como o *virelai*, a *ballade* e o *rondeau* (Ague 2017; Hoppin 1978). Enquanto o pânico perante a inevitabilidade do contágio e da morte levou grande parte da população a refugiar-se num estilo de vida hedonista, em que as festas e os prazeres carnais imperavam, indivíduos como Machaut sobreviveram à pandemia graças a uma estratégia de auto-confinamento (Pandemics and Composers 2020). Durante esse período, o referido compositor escreveu o imponente *Le Jugement du roi de Navarre*, em 4200 versos, bem com a música correspondente; nessa obra, que deve a sua monumentalidade e existência ao isolamento do compositor, as terríveis consequências da pandemia são minuciosamente descritas (Gomis e Sanchez 2020, 575).

Por si só, o impacto da peste negra nas artes plásticas, na literatura e na música merece o desenvolvimento de linhas de estudo dedicadas. No caso desta última, importantes estudos têm sido publicados. Entre eles, encontram-se o livro de Remi Chiu (2017), *Plague and Music*

*in the Renaissance*, e o ensaio “Plague, performance and the elusive history of the *Stella celi extirpavit*”, da autoria de Christopher Macklin (2010), em que se discutem detalhadamente várias versões musicais do hino mariano a que o título alude, uma prece invocando a protecção da Virgem Maria contra a peste. A primeira dessas numerosas versões musicais do hino corresponde a um motete a três vozes da autoria de John Cooke, registado no Old Hall Manuscript, que se conserva na British Library, em Londres<sup>2</sup>. Cooke estudara no King’s Hall, em Cambridge, e integrava a capela do Rei Henrique V de Inglaterra no ano de 1413.

Sabemos que existiram não menos do que 21 versões musicais distintas deste hino mariano, invocando protecção contra a peste, a maioria das quais de autores anónimos, compostas entre os séculos XV e XVII em países como Inglaterra, Boémia ou Morávia, Holanda, Itália e Portugal. No nosso país, regista-se uma composição anónima do séc. XVI, proveniente de um Antifonário da coleção do Museu Machado de Castro, em Coimbra, e uma outra, publicada em Lisboa num tratado de teoria musical datado de 1685 da autoria de Nunes da Silva (Macklin 2010). Reforçou-se, também, o culto de São Sebastião, patrono da peste. Guillaume Dufay, compositor franco-flamengo nascido em 1397 e falecido em 1474, escreveu um motete dedicado ao santo, *O Sancta Sebastiane*, em que implora o fim da pandemia. (Buja 2020; Galbi 2020)

Já em pleno século XVIII, mais concretamente em 1722, o grande surto de Marselha, vitimou mais de 100 000 pessoas. Um ano depois, Johann Sebastian Bach escreveu a sua Cantata BWV 25, *Es ist nicht Gesundes an meinem Leibe* (Não há nada de saudável no meu corpo), onde se refere o “mundo como um hospital”, as “crianças atingidas pela doença” e a impotência de ervas e ungamentos para curar a peste (Huizenga 2020).

Como temos visto, a presença da peste negra na Europa dos séculos XIV, XV e XVI tomou proporções extraordinárias, dominando por completo o panorama económico, social e cultural do Velho Continente.

---

<sup>2</sup> British Library, Add MS 57950 ([http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add\\_MS\\_57950](http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add_MS_57950), consultado a 02 de Março de 20223).

É importante notar, aliás, que a doença não se encontra actualmente extinta. De facto, a recente identificação de uma estirpe multi-resistente a antibióticos em Madagáscar reforçou a vigilância da Organização Mundial de Saúde sobre esta doença (Dennis, et al. s.d., 9-12). Como notam António Santos Grácio e Maria Amélia Grácio, do Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa, a peste é sem dúvida uma doença infeciosa reemergente e um potencial agente de bioterrorismo (Grácio e Grácio 2017). Assim, a memória – ou o espectro – da peste perduram na atualidade; do ponto de vista musical, bastará lembrarmos a obra *Katkuaja mälestus* (Memória da peste), do compositor estoniano Veljo Tormis, falecido em 2017 e célebre pela sua extensa obra coral, baseada em grande medida sobre canções tradicionais do seu país natal. Composta sobre textos de Jaan Kaplinski, a *Memória da peste*, para coro masculino, data de 1973 (Buja 2020; Veljo Tormis Virtual Center s.d.).

Conhecida como “o mal do séc. XIX”, a cólera provocou sete epidemias na Europa desde 1817, a última das quais ainda grassa noutras continentes. De facto, a sétima pandemia desta doença começou em 1961, sendo considerada a mais longa da história (Oprea, et al. 2020); Portugal enfrentou um surto grave da doença na década de 1970. Originária do subcontinente indiano, a cólera é uma doença mortal diarreica, provocada pela bactéria *Vibrio cholerae*, que prospera em zonas costeiras e estuarinas a nível global (Lan e Reeves 2002; Oprea, et al. 2020; World Health Organization 2022). A partir de 1829, uma das referidas vagas de cólera assolou a Europa; tendo começado na Rússia e na Polónia, atingiu Berlim de modo particularmente intenso entre 1831 e 1832, onde cerca de 1500 pessoas perderam a vida no espaço de seis meses (Thompson 2021). Foram feitas várias tentativas para conter a propagação da epidemia, isolando pessoas doentes e usando vários tipos de incenso “purificador de ar”. O medo e a ignorância estimularam teorias da conspiração, algumas delas anti-semiticas. Só mais tarde, em 1876, o bacteriologista berlimense Robert Koch descobriu que o agente patogénico da cólera se transmite principalmente por água contaminada e deficiente higiene, passando a prevenção da doença por medidas simples, como ferver a água para consumo e lavar completa e frequentemente as mãos (Nobel Prize 2023; Reichel s.d.).

Em Berlim, Fanny Mendelssohn, irmã do célebre compositor Felix Mendelssohn e ela própria compositora prolífica, registou com detalhe o progresso da doença, bem como o seu impacto no seu círculo familiar e social, nas entradas do seu diário entre 19 de Julho de 1831 e 14 de Junho do ano seguinte. Sabemos assim que os Mendelssohn perderam vários amigos e familiares durante a epidemia. Como resposta, e para honrar a memória das vítimas, Fanny escreveu o seu célebre *Oratório sobre palavras da Bíblia*, mais conhecido por “Cantata da Cólera: Música para os mortos da epidemia de cólera”, apresentada nos “Concertos de Domingo” do seu salão musical particular, nos primeiros dias de 1832 (Fontijn 2019; Thompson 2021).

Em Paris, a vaga de cólera de 1832, que grassou no centro sobrepopulado da capital francesa, vitimou mais de 12000 pessoas só no mês de Abril (e mais de 18000 entre Março e Setembro), tendo ficado imortalizada na monumental obra *Les misérables*, de Victor Hugo (Sumpf 2020). A 20 de Abril desse nefasto ano, o célebre virtuoso Niccolò Paganini organizou um concerto de caridade a favor das vítimas da cólera, a que Franz Liszt assistiu; esse evento viria a ter consequências determinantes na vida e nas opções de carreira deste último (Walker 1987, 173). Importa, a este respeito, relembrar que Paganini era visto como um associado do diabo, pelo seu aspecto físico, mas sobretudo pelas suas capacidades interpretativas (então consideradas sobre-humanas) e pelos seus hábitos algo mórbidos (por exemplo, como visita frequente de cemitérios). A própria extensão e intensidade da sua carreira, de cuja dimensão nos apercebemos ao considerar que, em apenas três meses desse ano de 1832, realizou 65 concertos em 30 cidades europeias distintas, associavam-no, na imaginação pública, à própria propagação da epidemia de cólera que então grassava pelo Velho Continente, como já referi (Athanassoglou-Kallmyer 2021).

Regressemos aos anos de 1800, desta feita para relembrar uma outra doença que teve uma elevadíssima prevalência na população e afectou numerosos músicos, artistas e escritores ao longo de todo o século XIX, tendo tido um impacto muito directo em obras musicais concretas. Refiro-me à sífilis, doença sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema pallidum pallidum* (Morris 2021). De facto, vários autores têm visto na relação de diversos

compositores com esta doença uma espécie de pacto faustiano, em que a uma vida de intensa emoção e experiência se seguia a dissolução e a morte. Esta associação teve um impacto significativo, na medida em que se acreditava que a doença mental associada aos estádios menos avançados da doença produzia uma intensificação dos sentidos, o chamado “estado expansivo”, que potenciava o génio criativo (Sartin 2010, 107). Na verdade, ao longo dos vários estádios de evolução da sífilis (que pode ficar latente durante períodos consideráveis de tempo), sintomas como depressão, ansiedade, distúrbios bipolares, alucinações visuais e auditivas, visões e ideias paranoides manifestam-se em maior ou menor grau. Acresce que, ao longo do séc. XIX, o tratamento para a sífilis era baseado na administração de doses elevadas de mercúrio, com um importante grau de toxicidade e efeitos secundários extremamente nefastos; só em 1910, com a disponibilização de um medicamento quimioterapêutico desenvolvido por Paul Erlich (o Salvarsan, ou Arsfenamina), foi possível erradicar a utilização do mercúrio no tratamento da sífilis. Para além de todos estes efeitos, importa notar que esta era uma doença altamente estigmatizante, para os afectados e as suas famílias, pelo que várias personalidades de renome tentaram esconder que sofriam dessa patologia (Rempelakos, et al. 2014).

Entre os compositores oitocentistas que contraíram sífilis, devem referir-se Franz Schubert, Robert Schumann, Nicolò Paganini, Hugo Wolff, Gaetano Donizetti, Bedrich Smetana, Frederick Delius. Em todos estes casos, a sífilis teve um impacto inegável e profundo no processo criativo, sobretudo no caso das obras tardias, frequentemente influenciadas pelas alucinações e por um mal-estar psíquico generalizado que afectou a maioria desses compositores.

Franz Schubert sofreu um importante choque psicológico ao receber o diagnóstico de sífilis, tendo então renunciado à conclusão da sua 8<sup>a</sup> Sinfonia (“Incompleta”), embora lhe restasse tempo de vida suficiente para o fazer. Por conseguinte, chegaram até nós apenas dois andamentos desta obra, que é uma das mais frequentemente tocadas do autor. Podemos pressentir a presença da morte nas mudanças de humor e momentos mais escuros do ciclo de *lieder Winterreise* (“Viagem de Inverno”), composto em 1827, no ano anterior ao da morte do autor.

Por seu turno, o lied *Doppelgänger* (“o duplo/o sósia”), integrado na coletânea *Schwanengesang* (“O canto do cisne”), escrita no ano seguinte e derradeiro, recupera a tradição antiga segundo a qual cada ser vivo teria um duplo espiritual, cujo aparecimento seria premonitório da morte; a subjacente dupla natureza da personalidade schubertiana pode também ser interpretada como um dos distúrbios psíquicos decorrentes da sífilis (Rempelakos, et al. 2014).

Encontramos pontos comuns entre a história de Franz Schubert e a de Hugo Wolf, em quem a sífilis provocou depressão e outros distúrbios psicóticos, tendo conduzido a uma tentativa de suicídio. Wolf deixou incompleta a sua última ópera, *Manuel Venegas*; nos seus *Drei Michelangelo-lieder*, uma vasta e profunda meditação sobre a relação do homem com o tempo e a posteridade, a aproximação da morte é evidente. Desse ciclo, salienta-se o segundo lied, *Alles endet, was entsteht*, em que o simples reconhecimento de que tudo o que existe morrerá a seu tempo se exprime de um modo particularmente sombrio (Rempelakos, et al. 2014).

Os efeitos da sífilis foram muito semelhantes para Bedrich Smetana, relativamente ao qual algumas comparações se impõem. Sofrendo de doença mental e surdez, Smetana escreveu as palavras premonitórias “última página” a meio de uma partitura em que estava a trabalhar. Na sua última ópera, intitulada *A parede do diabo* (1882), mais uma vez o tema da dupla personalidade é explorado. Por outro lado, o seu Quarteto de Cordas n.º 1, intitulado “Da minha vida”, descreve de maneira particularmente expressiva o início da doença, e especificamente os zumbidos nos ouvidos (*tinnitus*, em Latim) que antecederam a surdez. De facto, perto do final do quarto e último andamento deste quarteto de cordas, num momento de clímax, o compositor faz subitamente parar o movimento rápido e dinâmico que ouvimos até esse ponto; sobre um trémulo dos restantes instrumentos, o primeiro violino toca uma nota sobreaguda sustentada, que mimetiza justamente esse zumbido nos ouvidos característico dos primórdios da surdez causada pela sífilis (Rempelakos, et al. 2014).

Também afectado pela sífilis, Gaetano Donizetti sofreu de surtos psicóticos, convulsões, febre e dores de cabeça intensas, tendo ficado paralisado e incapaz de falar. Segundo alguns autores, a famosa cena

da loucura da sua ópera *Lucia de Lammermoor* representa os próprios distúrbios psicóticos do autor, sendo estes igualmente evidentes em *Anna Bolena* e em (pelo menos) quatro outras óperas do mesmo autor (Rempelakos, et al. 2014).

Já Frederick Delius sofreu de cegueira, tendo ainda ficado paralisado durante 15 anos, devido à sífilis. O pressentimento do fim transparece das suas cinco *Songs of Farewell*, sobre poemas de Walt Whitman.

Talvez o caso mais conhecido de um compositor sifilítico seja o de Robert Schumann (Rempelakos, et al. 2014). Vários autores atribuíram a sua lendária loucura, tentativas de suicídio, alucinações e visões, tanto diabólicas quanto angélicas, à doença (André 2014); outros, como Gomis e Sanchez (2020, 577), afirmam ser difícil confirmar, neste caso, que os sintomas psicóticos teriam tido origem na sífilis. Atormentado nos seus últimos anos por alucinações, em que anjos e demónios se digladiavam na sua mente, bem como por distúrbios na percepção do tempo, Schumann compôs um Concerto para Violino e Orquestra em Ré menor, para o grande virtuoso Joseph Joachim, que terá recusado tocar a obra por esta demonstrar sinais evidentes da deterioração mental do compositor (Rempelakos, et al. 2014). Consta, aliás, que vários manuscritos, desta e de outras obras da mesma época, terão sido destruídos por Clara Schumann e Johannes Brahms, por forma a preservar a reputação do compositor. De resto, as folhas de observação médica dos Drs. Franz Richard e Eberhard Peters correspondentes ao período em que Schumann foi tratado (primeiro, em ambulatório, e depois em regime de internamento) na clínica psiquiátrica de Endenich, entre 1844 e o dia da sua morte, em 1856, foram cuidadosamente arquivadas, tendo sido publicadas apenas recentemente. Também vários biógrafos, incluindo a sua filha Eugenie, tentaram mascarar, para a posteridade, o drama de saúde que Schumann viveu (André 2014, 27-28). Em todo o caso, a sua última obra publicada, *Geistervariationen* (ou “Variações fantasma”), para piano, não só imita os zumbidos nos ouvidos que referi a propósito de Smetana, como resulta directamente da alucinação auditiva que o compositor terá tido na noite de 17 de Fevereiro de 1854, no decurso da qual disse ter ouvido anjos ditarem-lhe um tema musical, tal como a sua esposa Clara Schumann registou no seu diário. O coral que escolheu como tema desta extensa obra já antes

surgira na sua produção musical, particularmente no 2.º andamento do seu concerto para violino em ré menor, que há pouco mencionei, mas também no 2.º andamento do Quarteto de Cordas n.º 2 e no *Lieder-Album für die Jugend* (Wilson 2019).

Tal como a sífilis, no século XIX a tuberculose estava associada, na opinião pública, ao “sofrimento pela Arte”. Condição de poetas – como John Keats e Percy Bysshe Shelley – e heroínas da ópera italiana – Mimi, em *La Bohème*, de Giacomo Puccini, ou na ópera homónima de Ruggero Leoncavallo; Violetta, em *La Traviata*, de Giuseppe Verdi –, a tuberculose era sinónimo de figuras esbeltas, de penúria e de sensibilidade (Sartin 2010, 107; Martinez 2013). Evoquemos a primeira dessas heroínas do quotidiano romântico, Mimi, uma jovem, apaixonada e inocente costureira que padece e morre de tuberculose, na ópera *La Bohème*. Composta entre 1893 e 1895, sobre libreto italiano baseado na obra *Scènes de la vie de bohème*, de Henri Murger, a história passa-se nos anos 1830, em Paris, e retrata, em estilo realista-poético, aspectos de um quotidiano despreocupado de dois artistas e das respectivas amadas, apesar das dificuldades materiais. A introdução da doença e da morte, justamente através da personagem Mimi, empresta um dramatismo intenso à ópera (Ramsden 1996).

Numerosos foram os músicos que padeceram de tuberculose, entre os quais se destaca Frédéric Chopin, embora autores como Gomis & Sanchez (2000, p. 577) afirmem ser difícil diagnosticar exactamente, *a posteriori*, a doença respiratória de que ele sofreu ao longo da vida. De facto, alguns autores inclinam-se mais para fibrose cística do que para tuberculose (Pucarin-Cvetkovic, et al. 2011, 1330). Em todo o caso, segundo Sartin (2010, p. 107), os traços faciais e a postura que o compositor exibia pouco antes da sua morte, e que ficaram registados numa fotografia tirada em 1849, constituem indícios de doença pulmonar prolongada.

Vítima de vários problemas de saúde desde a mais tenra infância, Lili Boulanger, compositora francesa e irmã mais nova da célebre pedagoga e também compositora Nadia Boulanger, acabou por falecer precocemente, em 1918, com apenas 24 anos de idade, de tuberculose intestinal (Fauser 2001). A sua produção musical, que lhe valeu a distinção de ter sido a primeira mulher a

ganhar o *Prix de Rome* para compositores, foi sendo escrita entre períodos mais ou menos longos de doença, e numa permanente luta contra esta.

Há pouco mais de um século, em 1918, o mundo vivia a mais mortífera pandemia de sempre: a chamada gripe pneumónica, também conhecida como gripe espanhola ou influenza. Nada menos do que um terço da população mundial desenvolveu sintomas da doença, sendo que praticamente todos os indivíduos foram infectados. É difícil contabilizar exactamente o número de mortos, mas estima-se que tenham ultrapassado os 50 milhões (Taubenberger e Morens 2006; Humphreys 2018, 219).

O compositor polaco Karol Szymanowsky contraiu o vírus no Outono de 1918, numa estância do Mar Negro. Numa noite de alucinações febris, veio-lhe a ideia de compor a sua segunda ópera sobre um drama passado na Sicília do séc. XII, e assim surgiu *O Rei Rogério* (O'Donovan 2020).

Bela Bartok, por seu turno, encontrava-se em pleno trabalho sobre a sua ópera *O Mandarim Maravilhoso* quando o vírus o confinou à cama durante 23 dias (O'Donovan 2020). Entre outros sintomas, Bartok terá tido uma otite; os zumbidos e comichão daí decorrentes levaram-no a comparar o que sentia com a impressão de ter “formigas a arranhar as profundezas dos seus ouvidos”, e alguns autores especulam que as “músicas nocturnas”, povoadas de insectos, que figuram num dos andamentos da sua suite para piano “Ao ar livre”, ou no 2.º andamento do trio “Contrastes”, para piano, clarinete e violino, ou ainda no 2.º andamento do 3.º Concerto para piano e orquestra, poderão ter tido origem nesse episódio (Wise 2020).

Darius Milhaud tinha acabado de chegar ao Brasil, como secretário do poeta e então embaixador francês Paul Claudel. Nesse país, testemunhou os horrores da pandemia a partir de Agosto de 1918, tendo ficado profundamente impressionado com o que viu. Ao seu diário, confiou que, encontrando-se os caixões esgotados, via passar carradas de cadáveres que eram despejadas nas valas comuns dos cemitérios. Presume-se que foi em homenagem às vítimas que compôs o último andamento, qual marcha fúnebre, *Douloureux*, da sua *Sonata para flauta, clarinete, oboé e piano*, op. 47 (O'Donovan 2020).

Pensa-se que a SIDA, ou HIV, tenha tido origem na África Central, nos últimos anos do séc. XIX, quando migrou de populações de chimpanzés para humanos (Centers for Disease Control and Prevention 2022). Nas décadas de 1980 e 1990, evoluiu para uma epidemia, afectando sobretudo as comunidades homossexuais e consumidoras de drogas injectáveis. No final do século XX, a SIDA equivalia, no imaginário colectivo, às ideias de incurabilidade e morte. No entanto, graças aos métodos de tratamento entretanto implementados, com drogas antirretrovirais, é hoje possível viver durante longos anos com o HIV, mantendo qualidade e esperança de vida muito próximas das da população geral (Avert 2020).

A crise epidémica teve um impacto particularmente forte na comunidade artística e musical dos Estados Unidos da América. Em 1988, Meredith Monk criou um filme com o título *Book of Days*, no qual estabelece um paralelo entre a Idade Média, com os seus medos da guerra, da peste e do Apocalipse, e o final do século XX, um tempo de conflitos raciais e religiosos, medo da SIDA e da destruição nuclear (Buja 2020).

John Corigliano escreveu a sua Primeira Sinfonia como elegia para os seus numerosos amigos que perderam a vida durante a década de 1980, vítimas da SIDA. A obra foi estreada pela Orquestra Sinfónica de Chicago em 1990, e ganhou o cobiçado Grawemeyer Award no ano seguinte (Huizenga 2020).

O compositor Chris DeBlasio, que viria a morrer de SIDA em Nova Iorque, em 1993, aos 34 anos de idade, dedicou o seu último período criativo à relação com a doença e com a morte, tendo atingido o expoente máximo da sua produção no ciclo de canções *All the Way Through Evening: Five Nocturnes for Baritone and Piano* (Bonin 2009).

A COVID19, provocada pelo vírus SARS-Cov-2, foi detectada pela primeira vez em Dezembro de 2019 na cidade chinesa de Wuhan, e desde então vitimou mais de seis milhões de pessoas em todo o mundo (World Health Organization 2023).

A gestão da pandemia passou, como é sabido, por estratégias de isolamento e vacinação. No campo das artes, e particularmente da Música, houve uma adaptação forçada às novas circunstâncias, tendo os mais diversos agentes culturais procurado prosseguir actividades a partir

do isolamento de cada um, emissores e receptores, artistas e público (Dervan 2020; Phelps 2020). Concertos ar livre e vídeos de orquestras, coros e outros agrupamentos musicais, em que o todo musical se faz pela soma das partes pré-gravadas, com recurso a tecnologias de ponta, e em que a fruição se dá com o espectador isolado no seu espaço doméstico, frente ao ecrã de um qualquer dispositivo electrónico, tornaram-se comuns nos anos de 2020 e 2021 (Wald-Fuhrmann 2020).

Lisa Bielawa, compositora baseada em Nova Iorque, começou em 2020 a compor uma obra coral, intitulada *Broadcast from home*, que se estrutura em quinze “Capítulos” e tem por base testemunhos do público em auto-isolamento, recolhidos através das redes sociais (Bielawa 2020).

A interacção entre compositores e intérpretes assumiu novos modelos, baseados nas tecnologias de informação e comunicação. Foi assim que, a 21 de Agosto de 2020, recebi por email uma cópia do *Piano Book* de Ivan Moody, uma colectânea de peças para piano dedicadas a amigos pianistas desse eminentíssimo compositor espalhados pelo mundo. O projecto assume-se como “a way of continuing to compose useful music during the period of the Corona Virus pandemic.” (Moody 2020). Em vez de apresentar a peça ao compositor, presencialmente, para discutir com ele todas as questões interpretativas pertinentes, enviei-lhe pouco tempo depois um vídeo de fabrico caseiro, realizado com os meios que tinha à disposição (um piano não completamente afinado e um iPhone). Foi com base nesse vídeo que conversámos sobre as *Fortificazioni di Fabrizio* e o seu carácter obstinado. O compositor admite que, embora não haja nenhuma fonte de inspiração directa para a obra, talvez a vivência de sucessivos confinamentos tenha condicionado o carácter e o próprio título da peça, que se refere a “fortificações”.

Neste périplo que nos levou a percorrer quase 800 anos de história, compreendendo não menos do que oito epidemias marcantes, assinalei obras musicais directamente relacionadas com a vivência de crises pandémicas. Uma maioria de entre elas, representativas de épocas tão variadas como a Idade Média, o Renascimento, o Barroco, o Romantismo, o Simbolismo e a contemporaneidade, assentam sobre textos poéticos ou dramáticos; no caso das primeiras, esses textos são de matriz religiosa cristã e assumem-se como descrições de doenças

(cf. Afonso X) ou de tempos apocalípticos (cf. Machaut), ou ainda invocações de santos para expurgar as patologias da época (cf. Cooke, Dufay, Bach); o sentimento religioso é evidente em todas essas peças. Já nas obras românticas invocadas, sejam elas canções, música de câmara, oratório ou ópera, o texto subjacente, quando presente, apoia a música na descrição de sintomas de doenças concretas (cf. sífilis, tuberculose) e na sugestão dos sentimentos do compositor perante a aproximação da sua própria morte (cf. Schubert, Wolf, Smetana, Donizetti). Em obras mais recentes, compostas durante o séc. XX, verifica-se também uma possível descrição de sintomas (cf. Bartok) e, mais uma vez, uma reacção premonitória à aproximação da morte (cf. DeBlasio). Nas obras compostas durante a pandemia de COVID-19 (cf. Bielawa e Moody), notam-se referências às circunstâncias ou aos efeitos concretos do confinamento. Cinco das obras em discussão assumem-se enquanto elegias aos mortos das epidemias a que se reportam (Mendelssohn, Milhaud, Tormis, Corigliano, DeBlasio), enquanto várias outras traduzem, através de características musicais específicas (tempo, registo, entre outros aspectos) um sentimento elegíaco (cf. Schubert, Wolf). De resto, duas obras recentes evocam epidemias de épocas passadas (cf. Monk, Tormis). Embora unidas por traços comuns e transversais, cada uma das representações de epidemias em música é única e irrepetível, como a experiência de quem a compôs. O seu número, diversidade e força criativa atestam das marcas físicas, cognitivas e emocionais que variadas crises sanitárias imprimiram na história colectiva e na imaginação individual.

## Obras Citadas

1982. “1º Samuel.” Em *Bíblia sagrada*, 276-307. Lisboa: Verbo.
- Ague, V. 2017. “Weird Classical: The History of Black Death Music Parties.” *WQXR Editorial*. 26 de Julho. Acedido em 13 de Janeiro de 2021. <https://www.wqxr.org/story/weird-classical-history-black-death-music-parties/>.
- André, P. 2014. *Robert Schumann: Folies et Musiques*. Paris: Le Passeur Editeur.
- Athanassoglou-Kallmyer, Nina. 2021. “Blemished Physiologies: Delacroix, Paganini, and the Cholera Epidemic of 1832.” *The Art Bulletin* 83: 686-710.

- Avert. 2020. “Be in the KNOW.” *History of HIV and AIDS overview*. 11 de Janeiro. Acedido em 08 de Janeiro de 2023. <https://www.avert.org/professionals/history-hiv-aids/overview>.
- Bielawa, Lisa. 2020. “Lisa Bielawa.” *Broadcast from home*. Acedido em 03 de Janeiro de 2023. <http://www.lisabielawa.net/broadcast-from-home>.
- Bonin, B. 2009. “An introduction to the life and the songs of composer Chris DeBlasio, with special emphasis on his cycle All the Way Through Evening.” *Doctoral Dissertation*. Baton Rouge, Louisiana: Louisiana State University, Dezembro.
- Buja, Maureen. 2020. “Music and the Plague and Other Dilemmas.” *Interlude*. 6 de Abril. Acedido em 22 de Dezembro de 2021. <https://interlude.hk/music-and-the-plague-and-other-dilemmas/>.
- Centers for Disease Control and Prevention. 2022. “Hansen’s Disease (Leprosy).” *Hansen’s Disease (Leprosy)*. 31 de Março. Acedido em 23 de Abril de 2023. <https://www.cdc.gov/leprosy/index.html>.
- . 2022. “Where did HIV come from?” *HIV*. 30 de Junho. Acedido em 20 de Abril de 2023. <https://www.cdc.gov/hiv/basics/whatishiv.html>.
- Chiu, Remi. 2017. *Plague and Music in the Renaissance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, R. d., e B. Dantas. 2015. “A Arquitetura Sagrada e a Natureza nas Cantigas de Santa María (séc. XIII).” *Mirabilia*, Janeiro-Junho: 44-65.
- Cross, A. 2020. “A look at art and music created in times of pandemic.” *Global new*. 29 de Março. Acedido em 06 de Janeiro de 2021. <https://globalnews.ca/news/6735528/alan-cross-art-pandemic-coronavirus/>.
- Dennis, David T., Kenneth L. Gage, Norman Gratz, Jack D. Poland, e Evgeni Tikhomirov. s.d. “Plague Manual: Epidemiology, Distribution, Surveillance and Control.” *World Health Organization*. Acedido em 31 de Janeiro de 2021. [https://www.who.int/csr/resources/publications/plague/WHO\\_CDS\\_CSR\\_EDC\\_99\\_2\\_EN/en/](https://www.who.int/csr/resources/publications/plague/WHO_CDS_CSR_EDC_99_2_EN/en/).
- Dervan, M. 2020. “How are composers affected by lockdowns, wars and revolutions?” *The Irish Times*. 06 de Maio. Acedido em 30 de Janeiro de 2021. <https://www.irishtimes.com/culture/music/how-are-composers-affected-by-lockdowns-wars-and-revolutions-1.4243002>.
- Fauser, A. 2001. “Grove Music Online.” *Boulanger; (Marie-Juliette Olga) Lili*. Editado por D. Root, P. V. Bohlman, J. Cross, H. Meconi e J. H. Roberts. Oxford Music Online. Acedido em 15 de Dezembro de 2022.

*Dedalus. Olhares cruzados: representações das epidemias nas artes. Da catástrofe à resiliência*  
*Crossed sights: Representations of epidemics in the arts. From catastrophe to resilience*

- Fontijn, Claire. 2019. “Eclectic Elegance.” *Fanny Mendelssohn. Three Cantatas (1831). Program Notes*. Newtonville: Cappella Clausura.
- Galbi, Douglas. 2020. “Martyrdom & fear of plague in Guillaume Du Fay’s O sancte Sebastiane.” *Purple Notes*. 29 de Março. Acedido em 27 de Novembro de 2022. <https://www.purplemotes.net/2020/03/29/du-fay-o-sancte-sebastiane/>.
- Glatter, Kathryn A., e Paul Finkelman. 2020. “National Library of Medicine.” *History of the Plague: An Ancient Pandemic for the Age of COVID-19*. 24 de Setembro. Acedido em 22 de Março de 2023. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7513766/>.
- Gomis, M., e B. Sanchez. 2020. “Music and infectious diseases.” *Clinical Microbiology and Infection*, Novembro: 575-578.
- Grácio, A. J. dos Santos, e Maria Amélia A. Grácio. 2017. “Plague: A Millenary Infectious Disease Reemerging in the XXI Century.” Editado por Stanley Brul. *BioMed research International* (Hindawi) 1-8.
- Gratz, N., E. Tikhomirov, D. T. Denis, K. L. Gage, e J. D. Poland. s.d. “Plague Manual: Epidemiology, Distribution, Surveillance and Control.” *World Health Organization*. Acedido em 31 de Janeiro de 2021. [https://www.who.int/csr/resources/publications/plague/WHO\\_CDS\\_CSR\\_EDC\\_99\\_2\\_EN/en/](https://www.who.int/csr/resources/publications/plague/WHO_CDS_CSR_EDC_99_2_EN/en/).
- Hoppin, R. H. 1978. *Medieval Music*. New York: Norton.
- Huizinga, Tom. 2020. “When Pandemics Arise, Composers Carry On.” *NPR*. 13 de Abril. Acedido em 9 de Janeiro de 2021. <https://www.npr.org/sections/deceptivecadence/2020/04/13/827990753/when-pandemics-arise-composers-carry-on?t=1612438328534>.
- Humphreys, M. 2018. “The influenza of 1918: Evolutionary perspectives in a historical context.” *Evolution, Medicine, and Public Health* 219-229.
- Jorge, L. 2008. *António Fragoso: um génio feito saudade*. Cantanhede: Município de Cantanhede.
- Lan, Ruiting, e Peter R. Reeves. 2002. “Pandemic Spread of Cholera: Genetic Diversity and Relationships within the Seventh Pandemic Clone of *Vibrio cholerae* Determined by Amplified Fragment Length Polymorphism.” *Journal of Clinical Microbiology* 172–181.
- Macklin, Christopher. 2010. “Plague, performance and the elusive history of the Stella celi extirpavit.” *Early Music History*, 1-31.
- Martinez, G. G. 2013. “Romanticizing Tuberculosis: Poetry, Prose, Opera, and Society of the Romantic Era.” *Honors Thesis*. San Marcos, Texas: Texas State University-San Marcos.

- Moody, Ivan. 2020. *Piano Book*. Lewis: Vanderbeek & Imrie Ltd.
- Morris, Sheldon R. 2021. “Sífilis.” *Manual MSD - Versão Saúde para a Família*. Janeiro. Acedido em 05 de Janeiro de 2023. <https://www.msdmanuals.com/pt/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/doen%C3%A7as-sexualmente-transmiss%C3%ADveis-dstes/s%C3%ADfilis>.
- AB, Nobel Prize Outreach, ed. 2023. “Nobel Prize.” *Robert Koch – Biographical*. Janeiro. Acedido em 06 de Janeiro de 2023. <https://www.nobelprize.org/prizes/medicine/1905/koch/biographical/>.
- O’Donovan, H. 2020. “WQXR Editorial.” *Music in the Time of Pandemic: Brilliant Compositions Written in the Years of the Spanish Influenza*. 22 de Abril. Acedido em 17 de Junho de 2022. <https://www.wqxr.org/story/pandemic-music-spanish-1918-influenza/>.
- Oprea, Mihaela, Elisabeth Njamkepo, Daniela Cristea, Anna Zhukova, Clifford G. Clark, Anatoly N. Kravetz, Elena Monakhova, et al. 2020. “The seventh pandemic of cholera in Europe revisited by microbial genomics.” *Nature Communications*, 1-10.
2020. “Pandemics and Composers.” *Angeles Academy of Music*. 26 de Maio. Acedido em 28 de Dezembro de 2020. <https://angelesacademyofmusic.com/pandemics-and-composers1/>.
- Phelps, C. 2020. “Protective Measures: Music Composed During Illness-Induced Social Isolation.” *Nashville Classical Radi*. 12 de Março. Acedido em 31 de Janeiro de 2021. <https://91classical.org/post/protective-measures-music-composed-during-illness-induced-social-isolation/>.
- Pucarin-Cvetkovic, J., E. Zuskin, J. Mustajbegovic, N. Janev-Holcer, P. Rudan, e M. Milosevic. 2011. “Known Symptoms and Diseases of a Number of Classical European Composers during 17th and 20th Century in Relation with their Artistic Musical Expressions.” *Collegium Antropologicum* 35: 1327–1331.
2020. “Rabies.” *Centers for Disease Control and Prevention*. 30 de Novembro. Acedido em 23 de Janeiro de 2021. <https://www.cdc.gov/rabies/about.html>.
- Ramsden, Timothy. 1996. *Puccini*. Londres: Spellmount Limited.
- Reichel, N. s.d. “Stadtmuseum Berli.” *Seuchen in Berlin Von Pest und Cholera bis zum Siegeszug der Hygiene*. Editado por H. Noack. Acedido em 07 de Fevereiro de 2021. <https://www.stadtmuseum.de/objekte-und-geschichten/seuchen-in-berlin>.

*Dedalus. Olhares cruzados: representações das epidemias nas artes. Da catástrofe à resiliência*  
*Crossed sights: Representations of epidemics in the arts. From catastrophe to resilience*

- Rempelakos, L., E. Poulakou-Rebelakou, C. Tsiamis, e A. Rempelakos. 2014. “Siphylis’ Impact on Late Works of Classical Music Composers.” *The Journal of Urology* 191: 29-36.
- Sartin, J. S. 2010. “Contagious Rhythm: Infectious Diseases of 20th Century Musicians.” *Clinical Medicine & Research* 8: 106-113.
- Sobral, José Manuel. 2020. “Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa: Projetos.” *A gripe pneumónica em Portugal: gestão de risco e saúde pública no Portugal da Primeira República*. Acedido em 08 de Janeiro de 2023. <https://www.ics.ulisboa.pt/projeto/gripe-pneumonica-em-portugal-gestao-de-risco-e-saude-publica-no-portugal-da-primeira>.
- Sumpf, Alexandre. 2020. “L’Histoire par l’image.” *Le Choléra*. Abril. Acedido em 29 de Dezembro de 2022. <https://histoire-image.org/etudes/cholera>.
- Taubenberger, Jeffery K., e David M. Morens. 2006. “1918 Influenza: the Mother of All Pandemics.” *Emerging Infectious Diseases* 12: 15-22.
- Thompson, R. A. 2021. “Women’s Philharmonic Advocacy.” *A Great Composer responds to the pandemic. Fanny Mendelssohn in 1831*. 04 de Abril. Acedido em 19 de Dezembro de 2022. [https://wophil.org/fanny-mendelssohns-response-to-the-epidemic-of-1831/?doing\\_wp\\_cron=1611743350.0773398876190185546875](https://wophil.org/fanny-mendelssohns-response-to-the-epidemic-of-1831/?doing_wp_cron=1611743350.0773398876190185546875).
- Veljo Tormis Virtual Center. s.d. “Katkaja mälestus.” *Veljo Tormis*. Acedido em 14 de Novembro de 2022. <https://veljotormis.com/et/teosed/vaata/984/katkaja-malestus/>.
- Wald-Fuhrmann, M. 2020. “Music in the Time of Corona.” *Max Planck Institute for Empirical Aesthetics*. 20 de Abril. Acedido em 02 de Fevereiro de 2021. [https://www.aesthetics.mpg.de/en/the-institute/detail/article/music-in-the-time-of-corona.html?tx\\_news\\_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx\\_news\\_pi1%5Baction%5D=detail&cHash=3726fd5aaf4b67655feafab12672616e](https://www.aesthetics.mpg.de/en/the-institute/detail/article/music-in-the-time-of-corona.html?tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&cHash=3726fd5aaf4b67655feafab12672616e).
- Walker, Alan. 1987. *Franz Liszt: The Virtuoso Years 1811-1847*. Ithaca: Cornell University Press.
- Wilson, Frances. 2019. “Interlude.” *Schumann’s Final Piece: The ‘Ghost’ Variations*. 29 de Agosto. Acedido em 5 de Janeiro de 2023. <https://interlude.hk/schumanns-final-piece-ghost-variations/>.
- Wise, B. 2020. “Brian Wise.” *How the 1918 Flu Pandemic Shaped Classical Music*. 22 de Maio. Acedido em 07 de Janeiro de 2023. <https://brianwise.net/flu-pandemic-1918-classical-music/>.

- World Health Organization. 2022. “Disease Outbreak News; Cholera – Global situation.” *World Health Organization*. 16 de Dezembro. Acedido em 23 de Dezembro de 2022. <https://www.who.int/emergencies/disease-outbreak-news/item/2022-DON426>.
- . 2018. “World Health Organization.” *Typhoid*. Editado por World Health Organization. 31 de Janeiro. Acedido em 09 de Dezembro de 2022. [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/l/?gclid=CjwKCAiA8OmdBhAgEiwAShr4083dIXnO1c0KbCEHxFuvtYZlco1b8wEfhCLwh95xPv\\_CvHyhxPalXRoCVQgQAvD\\_BwE](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/l/?gclid=CjwKCAiA8OmdBhAgEiwAShr4083dIXnO1c0KbCEHxFuvtYZlco1b8wEfhCLwh95xPv_CvHyhxPalXRoCVQgQAvD_BwE).
- . 2023. “World Health Organization.” *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. Acedido em 08 de Janeiro de 2023. [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroup survey}&gclid=CjwKCAiA8OmdBhAgEiwAShr40ygkqhyPS0DKgF\\_KdquMhRLL7rp5rsZQrOofsjAUN7yGrhRZphpnRoCF3IQAvD\\_BwE](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroup survey}&gclid=CjwKCAiA8OmdBhAgEiwAShr40ygkqhyPS0DKgF_KdquMhRLL7rp5rsZQrOofsjAUN7yGrhRZphpnRoCF3IQAvD_BwE).